

## Folkcomunicação, contribuição brasileira à Teoria da Comunicação

José Marques de Melo<sup>16</sup>

### Sumário:

Relato histórico sobre a primeira tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, defendida pelo Professor Luiz Beltrão, na Universidade de Brasília, em 1967, estabelecendo as bases da nova disciplina científica, a Folkcomunicação. Trata-se de um episódio importante para a memória do campo comunicacional brasileiro, confirmando o protagonismo do autor da referida tese, que também fundara a nossa primeira revista científica de comunicação, sendo por isso mesmo considerado como o pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil.

### Palavras-chave:

*História das Ciências da Comunicação. Pensamento Comunicacional Brasileiro. Folkcomunicação. Biografia. Luiz Beltrão*

### Resumo:

Relato histórico sobre la primera tesis de Doctorado en Ciencias de la Comunicación, defendida por el Profesor Luiz Beltrão, en la Universidad de Brasília, en 1967, estableciendo las bases de la nueva disciplina científica, la Folkcomunicación. Se trata de un episodio importante para la memoria del campo comunicacional brasileño, confirmando el protagonismo del autor de la referida tesis, que también fundó nuestra primera revista científica de comunicación, siendo por eso mismo considerado como el pionero de las Ciencias de la Comunicación en el Brasil.

### Palabras-chave:

*Historia de las Ciencias de la Comunicación. Pensamiento Comunicacional Brasileño. Folkcomunicación. Biografía. Luiz Beltrão*

### Abstract:

Historic report on the first Brazilian PhD Dissertation in the field of the Communication Sciences, presented by Professor Luiz Beltrão at the National University of Brasília, in 1967, founding a new scientific discipline labeled as Folkcommunication. It is an historic chapter for the memory of the Brazilian communication scholarship, pointing out the pioneer trajectory of his author, who had also created the first Brazilian Journal on Communication, gaining later recognition as the Founding Father of the Communication Sciences in Brazil.

### Key-words:

*History of the Communication Sciences. Brazilian Thought on Communication. Folkcommunication. Biography. Luiz Beltrão*

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) destaca-se no panorama intelectual brasileiro como figura paradigmática<sup>17</sup>. Seu nome está imediatamente associado à Folkcomunicação disciplina que integra o universo das Ciências da Comunicação<sup>18</sup>.

Se consultarmos duas obras de referência da literatura comunicacional brasileira veremos que Luiz Beltrão é sinônimo de Folkcomunicação<sup>19</sup>:

<sup>16</sup> Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Atualmente é Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

<sup>17</sup> O perfil biográfico de Luiz Beltrão está contido no livro organizado por Roberto Benjamin - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998. Ali foram coligidos dados e depoimentos que confirmam todo o seu pioneirismo acadêmico, ademais da sua atuação de vanguarda como jornalista e das suas incursões singulares pela vida literária.

<sup>18</sup> A presença da Folkcomunicação como disciplina integrante do segmento das ciências da informação individual ou grupal está justificada no meu livro de estreia na vida acadêmica. Vide: MARQUES DE MELO, José - *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, Petrópolis, Vozes, 1970, p. 62-64. Ela também foi incluída na coletânea que abriga textos marcantes da minha trajetória intelectual - MARQUES DE MELO, José - *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 69-70

<sup>19</sup> Essa associação entre a palavra e o seu criador deu-se naturalmente quando ela foi dicionarizada. Sua incorporação ao léxico midiático fez-se por iniciativa do Professor Mário ERBOLATO - *Dicionário de Propaganda e Jornalismo*, Campinas, Papius, 1985, p. 154 Somente mais tarde ela seria assimilada pelo pelos estudiosos do folclore, quando Mário SOUTO MAIOR publica o seu *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*, Recife, 20-20 Comunicação e Editora, 1999, dedicando um verbete a Luiz Beltrão, identificado como personagem polivalente: “romancista, contista, jornalista, advogado, professor, folclorista” (p. 116)

*BELTRÃO - Jornalista e professor de comunicação... (...) o termo **folkcomunicação**, por ele criado, delimita a vasta área à qual dedicou grande parte de suas pesquisas. Designa o ‘conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore’ (RABAÇA & BARBOSA)<sup>20</sup>*

*FOLKCOMUNICAÇÃO - Em termos gerais, pode-se dizer que **folkcomunicação** é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore. (...) A origem do termo **folkcomunicação** se deu em 1967, com a tese de doutoramento do Prof. Luiz Beltrão... (LUYTEN)<sup>21</sup>*

Ao criar em 1997 o “Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação”, atribuído anualmente às personalidades ou instituições que prestaram relevantes serviços ao nosso campo do conhecimento, a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - pretendeu homenageá-lo como pioneiro dos estudos científicos da comunicação no Brasil<sup>22</sup>.

Seu pioneirismo é multifacetado<sup>23</sup>. Ele fundou o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, 1963. Criou ainda a primeira revista científica brasileira dedicada a temas comunicacionais - Comunicações & Problemas, também na cidade do Recife, 1965. Tornou-se, finalmente, o primeiro Doutor em Comunicação diplomado por universidade brasileira, ao defender na Universidade de Brasília, em 1967, a tese *Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias*.

Essa tese doutoral representou, na sua biografia, uma espécie de odisséia: “série de complicações, peripécias ou ocorrências singulares, variadas e inesperadas” (Aurélio, 1975, p.

<sup>20</sup> RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo - *Dicionário de Comunicação*, São Paulo, Ática, 1987, p. 611

<sup>21</sup> LUYTEN, Joseph - Folkcomunicação, In: UEIROZ E SILVA, Roberto P. de, coord. - *Temas Básicos em Comunicação*, São Paulo, Paulinas/INTERCOM, 1983, p. 32-34

<sup>22</sup> KUNSCH, Waldemar - Prêmio Luiz Beltrão: um reconhecimento à pesquisa em comunicação, *Comunicação & Sociedade*, n. 32, São Bernardo do Campo, UMEP, 1999, p. 226-229

<sup>23</sup> Essas diferentes facetas do mestre olindense mereceram a atenção dos participantes do CELACOM'1999 - III Ciclo de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, através das contribuições de Maria Luiz Nóbrega - *Icinform: uma experiência pioneira*; Maria das Graças Targino - *A contribuição do Instituto de Ciências da Informação (Icinform) na gênese do pensamento comunicacional brasileiro*; Rosa Maria Nava - *Comunicações & Problemas: o primeiro periódico de estudos e pesquisas da Comunicação do Brasil*; Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho - *Luiz Beltrão: da criação do Icinform à teoria da Folkcomunicação*; Tereza Halliday e Roberto Benjamin - “Pernambuco falando para o mundo”: contribuição da Unicap e do Icinform para as Ciências da Comunicação. Vide: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina. Orgs. - *Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano: o protagonismo das instituições pioneiras (Ciespal, Icinform, Ininco)*, São Bernardo do Campo, UMEP, 2000, p. 155-217

999). Tendo permanecido inédita, ela alcança o seu happy-end neste primeiro ano do novo milênio, publicada integralmente pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio do Sul, por iniciativa do Prof. Dr. Antonio Hohlfeld, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Nessa entidade universitária, seu autor colaborou como Professor-Visitante em várias ocasiões<sup>24</sup>. Trata-se, portanto, de um serviço inestimável, este que a PUC-RS presta ao campo das ciências da comunicação, possibilitando às novas gerações de pesquisadores da área o contato direto com este documento histórico.

Embora consolidados em 1967, os dados e reflexões coligidos por Luiz Beltrão para sua tese de doutorado na verdade começaram a germinar bem antes. Eles são contemporâneos da sua iniciação no terreno jornalístico. A temática privilegiada na tese é a mesma que ele escolheu para a primeira reportagem. Difundida no Diário de Pernambuco, em 18 de dezembro de 1936, essa matéria “tratava de devoções e romarias, à Igreja do Monte, em Olinda, ao tempo habitada por um velho monge beneditino”<sup>25</sup>.

A paixão pela cultura popular, o interesse pelas classes trabalhadoras, a sensibilidade para entender o cotidiano das camadas empobrecidas da sociedade, tudo isso ele herdou do pai, o dentista Dr. Andrade<sup>26</sup>. Inspirou-se também na doutrina social da igreja católica<sup>27</sup>, bafejada pelos ensinamentos de Leão XIII, o papa que sutilmente dialogou com as teses revolucionárias de Karl Marx. Mas também foi influenciado pelo ambiente socialista que impregnava, desde os tempos de Tobias Barreto, as lideranças forjadas na tradicional Faculdade de Direito do Recife<sup>28</sup>. Ali e alhures, Beltrão travaria colóquios enriquecedores, sem necessariamente comprometer-se, com os ideais marxistas propugnados por Francisco Julião, Paulo Cavalcanti, Clodomir Bezerra, Abelardo da Hora, entre outros companheiros de geração .

---

<sup>24</sup> Evidências dessa estreita colaboração ficaram registradas nos livros *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980), publicados em Porto Alegre pela Editora Sulina, integrando a Estante de Comunicação Social, editada em convênio com a ARI - Associação Riograndense de Imprensa - e dirigida pelo então diretor da FAMECOS - Faculdade dos Meios de Comunicação Social -, Professor Antonio Firmo de Oliveira González.

<sup>25</sup> BENJAMIN, Roberto - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998, p. 59

<sup>26</sup> Ele assim reconstitui a memória do seu pai: “Dr. Andrade era, por natureza, um participante. (...) Em Olinda, tomava posição em todas as iniciativas e campanhas que tinham em mira levar benefícios à população. Orador fluente, a sua palavra, a serviço das boas causas olindenses, estimulava a ação construtiva da audiência...” BELTRÃO, Luiz - *Memória de Olinda*, Recife, FIAM/ Olinda, Prefeitura Municipal, 1996, p. 81-82

<sup>27</sup> “Minha formação cultural teve início efetivamente no Seminário de Olinda. Ali principiei a estudar e a escrever.” Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p.6

<sup>28</sup> “A Faculdade de Direito não eram as aulas. A Faculdade de Direito do Recife não eram os professores. A Faculdade de Direito do Recife, para mim, eram os corredores...” Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p.6

Por isso mesmo, ele fazia questão de deixar claro seu distanciamento em relação à luta de classes. “Às vezes me vem a idéia de que a pessoa pode confundir a folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista. (...) ...eu estudei alguns grupos que utilizam a folkcomunicação, isto é, meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore. Então eu vi que alguns desses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados, contestam a cultura dominante. Eles contestam, por exemplo, as crenças dominantes na sociedade e as religiões estabelecidas. O grupo erótico-pornográfico não aceita, por exemplo, a moral dominante.”<sup>29</sup>

Na verdade, sua fundamentação insere-se naquela concepção sócio-psicológica e transclassista que Gilberto Freyre sagazmente denominaria “ânimo folclórico”, entronizando-a como variável essencial à compreensão do comportamento cultural dos brasileiros<sup>30</sup>. Tal filiação teórica fica subentendida em vários trechos desta obra, especialmente naqueles em que analisa o sentido contestatório inerente às peças produzidas pelos artesãos do barro ou à crítica social implícita nos folguedos populares.

Não é sem justificativa que Beltrão convidaria Gilberto Freyre para ser um dos principais conferencistas do I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido no período de 16 de janeiro a 4 de março de 1964, no Recife, uma das primeiras iniciativas do recém-fundado ICINFORM<sup>31</sup>.

Nesse momento, suas preocupações folkcomunicacionais ainda não haviam ultrapassado as fronteiras da observação jornalística. Tanto assim que o programa daquele evento acadêmico incluía vários “trabalhos de campo”, entre eles “participação e assistência a (...) festas folclóricas e carnavalescas ocorridas no período de duração do Curso”<sup>32</sup>

Contudo, ele destaca o impacto que lhe causaria a leitura do livro de Edson Carneiro - *A dinâmica do folclore* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965), despontando no cenário nacional como uma espécie de “obra maldita”. Ela desagradava os folcloristas ortodoxos, que a

---

<sup>29</sup> Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p. 5-15

<sup>30</sup> FREYRE, Gilberto - O ânimo folclórico no comportamento e na cultura do brasileiro, inclusive na literatura, *Alhos & Bugalhos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 135-145

<sup>31</sup> I Curso Nacional de Ciências da Informação, *Comunicações & Problemas*, vol. I, n. 2, Recife, ICINFORM, julho de 1965, p. 109-120

<sup>32</sup> BENJAMIN, Roberto - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998, p.73

consideram avançada, esquerdizante. Mas também não entusiasma os cientistas sociais, encastelados nas cátedras universitárias, que avaliam o folclore como um objeto menor, signo da alienação das classes subalternas.<sup>33</sup>

Vivendo na província, alheio às querelas acadêmicas que animavam os principais centros culturais do país (Rio - São Paulo), Luiz Beltrão supervaloriza a contribuição daquele folclorista de vanguarda. “Edson Carneiro foi o único homem que percebeu que o folclore não era estático, o folclore não era uma coisa parada no tempo, mas uma coisa dinâmica. (...) Este livro teve uma grande influência em mim, pois verifiquei que qualquer manifestação popular estava ligada ao povo, porque o povo não tinha meios, ele utilizava esses meios que lhe davam”<sup>34</sup>.

Beltrão sente-se estimulado a fazer a primeira incursão investigativa fora do campo especificamente jornalístico. Seu ensaio *Iniciação à filosofia do Jornalismo* (Rio de Janeiro, Agir, 1960), bem recebido pela crítica nacional e internacional<sup>35</sup>, credenciando-o a vãos academicamente mais ousados.

Na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas* (Recife, ICINFORM, 1965) publica um ensaio monográfico - “O ex-voto como veículo jornalístico” (p. 9 a 15). Estribado teoricamente em Gilberto Freyre<sup>36</sup> e ancorado metodologicamente em Alceu Maynard Araújo e Luiz Sayer<sup>37</sup>, ele formula a sua embrionária teoria da folkcomunicação:

*“Não é somente pelos meios ortodoxos - a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica - que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore.*

---

<sup>33</sup> Essa contenda entre folcloristas e cientistas sociais está bem documentada no livro póstumo de Luis Rodolfo VILHENA - *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*, Rio de Janeiro, Funarte, 1997 De certo modo, a questão fora resgatada, numa perspectiva internacional, pelo livro de Renato ORTIZ - *Cultura Popular - Românticos e Folcloristas*, São Paulo, Olho d'Água, 1992

<sup>34</sup> Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p. 13

<sup>35</sup> LEAL, César - Luiz Beltrão, teórico do jornalismo, In: BENJAMIN, Roberto - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998, p.133-136

<sup>36</sup> Ele não cita expressamente nenhuma obra do Mestre de Apipucos, transparecendo, contudo, o conhecimento da sua trilogia sobre a sociedade brasileira (*Casa Grande & Senzala.*, *Sobrados e Mocambos*, *Ordem e Progresso*), onde os elementos da cultura popular estão valorizados enquanto processos comunicacionais típicos (sátira, crítica, caricatura etc.)

<sup>37</sup> Folcloristas paulistanos. Alceu Maynard de ARAÚJO é autor da consagrada obra, em três volumes, *Folclore Nacional*, São Paulo, Melhoramentos, 1964 e Luiz SAYA escreveu o livro *Escultura Popular Brasileira*, São Paulo, Editora Gaxeta, 1944.

*Das conversas de bôca de noite, nas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressões provocada pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo 'bicheiro'; ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos 'martelos' do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha - é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias-motrizes, capazes de em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz”.*

Seu manifesto folkcomunicacional encontra boa receptividade. Luiz Beltrão recebe cartas entusiásticas de dois eminentes representantes das comunidades nacionais do jornalismo e do folclore. O então secretário-geral da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, Fernando Segismundo, acena genericamente:

*“O artigo - O ex-voto como veículo jornalístico é dos mais curiosos”<sup>38</sup>.*

Entretanto, o patriarca do folclore brasileiro, Luis da Câmara Cascudo, profuncia-se de modo mais enfático, preciso, desafiador:

*“O seu artigo-de-abertura (...) é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. (...) Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés”<sup>39</sup>.*

Entusiasmado, ele continuou as observações a respeito de outros fenômenos da comunicação tradicional.

*“Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Ai eu chamei isso de folkcomunicação jornalística”<sup>40</sup>.*

Esse trabalho embasaria empiricamente a tese com que se inscreveu na Universidade de Brasília, em 1967, para conquistar o título de Doutor em Comunicação.

O volume compõe-se de três partes. Na primeira, concisa, ele apresenta seus fundamentos teóricos e metodológicos, esboçando uma teoria da folkcomunicação. A segunda é constituída por dois segmentos: um documental, historicizando a comunicação brasileira, do período pré-cabralino ao domínio colonial português; outro empírico, inventariando as manifestações

<sup>38</sup> Ainda sobre C&P - N. 1, *Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 2, Recife, ICINFORM, 1965, p. 136

<sup>39</sup> CÂMARA CASCUADO, Luis da - Carta a Luiz Beltrão sobre o “Ex-Voto”, *Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 2, Recife, ICINFORM, 1965, p.135

<sup>40</sup> Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p.13

folkcomunicação do Brasil contemporâneo. A terceira contém as conclusões, a bibliografia consultada e um breve *curriculum-vitae* do pesquisador.

Qual a tese defendida por Luiz Beltrão ? Ela constitui um desdobramento da hipótese construída por Lazarsfeld e Katz - *two-setp-flow of communication* - para refutar a idéia dominante da onipotência midiática<sup>41</sup>. As evidências empíricas coletadas nos Estados Unidos permitem concluir que a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens segundo os padrões consensuados nos grupos primários. No caso brasileiro, Luiz Beltrão verificou que o papel das lideranças grupais é exercido, no campo, cidades do interior ou nas periferias metropolitanas, por agentes folkcomunicação. Estes recodificam as mensagens midiáticas, reinterpretando-as de acordo com os valores comunitários.

A banca examinadora designada pela Universidade de Brasília para avaliar a tese compunha-se de três eminentes pesquisadores: o espanhol Juan Beneyto, o norte-americano Hod Horton e o brasileiro Roberto Lyra Filho. Eles se manifestam favoravelmente à aprovação do trabalho e recomendam a concessão do título de doutor ao candidato.

Até aquele momento, a trajetória intelectual de Luiz Beltrão tinha sido um “mar de rosas”. Ao ingressar na vida universitária ele possuía “notório saber” no campo jornalístico, o que o eximia, segundo as regras vigentes, de disputar títulos acadêmicos. Tanto assim que fora reconhecido como Catedrático pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, mantido pela UNESCO em Quito, Equador, onde assumira em 1963 a regência da cadeira de “Pedagogia del Periodismo”<sup>42</sup>. Na Universidade Católica de Pernambuco ele já ocupava desde 1961 a Cátedra de Técnica de Jornal e Periódico<sup>43</sup>, tendo sido designado pelo Reitor Padre Aloisio Mosca de Carvalho para implantar e coordenar o Curso de Jornalismo.

Convocado, em 1965, pelo Presidente Castelo Branco, através do seu Assessor de Imprensa, José Vamberto, para dirigir a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

---

<sup>41</sup> Vide: KATZ, Elihu and LAZARSELD, Paul F. - *Personal Influence - The part played by people in the flow of mass communication*, New Yoirk, Free Press, 1955

<sup>42</sup> Suas aulas foram reunidas em livro: BELTRÃO, Luiz - *Métodos en la Enseñanza de la Técnica del Periodismo*, Quito, CIESPAL, 1963, 169 p.

<sup>43</sup> Sua experiência didática em Pernambuco foi sistematizada e difundida nacionalmente. Ela deu origem ao livro : BELTRÃO, Luiz - *A Imprensa Informativa*, São Paulo, Folco Masucci, 1969

no lastro da crise ali desencadeada no início do regime militar, Beltrão quis valorizar a proposta do idealizador daquela universidade, Darcy Ribeiro. Ele pretendia que todos os seus docentes amadurecidos se engajassem em programas de doutorado e os docentes jovens em programas de mestrado, no sentido de fortalecer a pesquisa, estimulando a produção de novos conhecimentos.

Assim sendo, Luiz Beltrão deu o bom exemplo, inscrevendo-se no programa de Doutorado em Comunicação, e com isso obteve a adesão de vários outros colegas. As regras do doutorado seguiam, naquela conjuntura, o modelo europeu, caracterizado pela realização de uma pesquisa original, finalmente submetida ao julgamento de uma banca examinadora. Tratava-se de uma avaliação de mérito, sem a interveniência de fatores políticos. Contudo, a turbulência que abalou os alicerces da UnB após o golpe militar de 1964 acabaria por radicalizar a convivência dentro do campus, politizando todas as suas atividades.

Quando o professor Beltrão se apresentou para a defesa da tese de doutorado perante a banca examinadora constituída pela Reitoria, a Faculdade de Comunicação encontrava-se conflagrada<sup>44</sup>, culminando com a sua demissão do cargo executivo para o qual fora convidado pela administração anterior. Após o julgamento, cada examinador emitiu seu parecer, sendo que os dois estrangeiros protocolaram imediatamente o boletim de aprovação.

O sociólogo Juan Beneyto, Catedrático da Universidade de Madrid, recomendou fosse concedida a máxima distinção ao candidato: “A juicio del abajo firmante, el estudio que se dictamina muestra desde luego valor científico sobrado para aspirar a la máxima calificación que el procedimiento académico autoriza, por lo que estima que es obra merecedora de Distinción com Honor”<sup>45</sup>.

Por sua vez, o diplomata Hod Horton, Catedrático da Universidade de Denver, Colorado, EUA, emitiu o seguinte ponto de vista: “Obra de alta categoria, plenamente documentada, bem dirigida, escrita com o maior apuro literário e, por sua inteireza, consagrando o autor como um pesquisador sério”.

Ninguém duvidava da lisura do processo. Aprovado pela banca examinadora, o candidato fazia jus ao grau correspondente. Mas o então Reitor Laerte Ramos de Carvalho, que demitira

---

<sup>44</sup> Vale a pena ler o relato deixado sobre esse episódio pelo próprio Luiz Beltrão. Ele se encontra transcrito no livro organizado por BENJAMIN, Roberto - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998, p.82-93

<sup>45</sup> BENEYTO, Juan - Julgamento da Tese de Doutorado, In: BENJAMIN, Roberto - *Itinerário de Luiz Beltrão*, Recife, AIP/UNICAP, 1998, p.310-311



Luiz Beltrão do cargo executivo, quis prejudicar o novo doutor, dificultando a outorga do título conquistado com brilhantismo. Para tanto, convenceu o membro brasileiro da banca, integrante do corpo docente da própria universidade, no sentido de retardar a entrega do seu boletim de avaliação. A ausência desse documento foi usada como justificativa para impedir a outorga do diploma correspondente. Tudo isso, apesar do processo ter incorporado os pareceres dos dois outros examinadores, evidenciando a aprovação do candidato pela maioria dos seus membros titulares.

Mas, estávamos em pleno governo Costa e Silva, quando o regime militar endureceu, culminando com o golpe-dentro-do-golpe engendrado pelo Ato Institucional N. 5. A aparência de normalidade jurídica, perseguida inicialmente pelo governo Castelo Branco, ficaria totalmente prejudicada. Por isso, a concessão do título só se efetivaria através de demanda administrativa instaurada formalmente, muito tempo depois da defesa da tese<sup>46</sup>.

O calvário de Luiz Beltrão não terminou aí. Sua tese repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional, sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação. Umberto Eco, por exemplo, dedica-lhe simpático comentário no jornal *L'Espresso* de Milão (30/10/1966).

Porém ela encontrou barreiras para a sua publicação integral. A Editora Melhoramentos mostrou-se interessada pela edição, submetendo-a ao crivo do Prof. Lourenço Filho, seu consultor para a área de humanidades. Este emite parecer favorável, argumentando sobre a inconveniência política de se publicar o capítulo teórico, naquela conjuntura repressiva. Depreende-se que ele discordava da ancoragem do autor nas premissas “subversivas” de Edson Carneiro. Temia-se represália do sistema autoritário, por se tratar de literatura posta em quarentena pelos novos “donos do poder”<sup>47</sup>.

Não restou outra alternativa a Luiz Beltrão senão aceitar a mutilação da sua obra. Ela circula sob o título *Comunicação e Folclore* (São Paulo, Melhoramentos, 1971), respaldada por uma irônica “apresentação” de Alceu Maynar Araújo, membro da Academia Paulista de Letras:

---

<sup>46</sup> Vide, a propósito desse fato, o meu depoimento, como testemunha ocular desse e de outros acontecimentos da época. MARQUES DE MELO, José - Nos tempos da gloriosa, *Revista Brasileira de Comunicação*, v. XX, n. 2, São Paulo, INTERCOM, 1997, p. 13-28

<sup>47</sup> MARQUES DE MELO, José - Folkcomunicação, a comunicação do povo, In: *Telemânia, anestésico social*, São Paulo, Loyola, 1981, p. 79-84

*“Enquanto os ‘folcloristas’ (entre aspas) ficam participando de reuniões e conclaves para definir o que já está definido, para projetar só no papel, ou para relatar o que foi visto numa demonstração pelos ‘sábios de palanque’, vem êsse jornalista (...) com um trabalho esplêndido sobre o que há de mais moderno, que é a velha comunicação. (...)”*

*“Sou um estudioso de nosso folclore e confesso que aprendi muito com êsse ensaio. Vale a pena comunicarmo-nos com a nossa realidade folclórica através da obra de Luiz Beltrão”*

Embora censurado e impedido de fazer jus ao título de doutor, o patrono da Folkcomunicação não se intimidaria, continuando suas pesquisas. Ele assimilou positivamente algumas das críticas que lhe foram dirigidas, inclusive aquela sobre o reducionismo jornalístico da sua teoria. Mais tarde, ele iria reconhecer essa lacuna:

*“Aconteceu que eu vi que a função da Comunicação não estava tão somente em informar ou orientar, estava também em educar, havia uma função promocional. Então eu comecei a aprofundar esses estudos e o resultado é que o conceito de folkcomunicação foi ampliado para não dar somente a idéia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias, mas sim para se educar. Dizer o que ele quer dizer, se promover e entreter-se também, divertir-se do mesmo modo que nós usamos o sistema estabelecido, o que chamei de comunicação social para uma diferenciação da comunicação folclórica”<sup>48</sup>.*

Quando publica seu novo livro sobre o tema - *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (São Paulo, Cortez, 1980) - não apenas resgata suas raízes teóricas, explicitando as idéias seminais em que se fundamenta, mas formula um modelo para descrever o sistema de folkcomunicação. Isso lhe permite construir com maior segurança o conceito dessa nova disciplina<sup>49</sup>:

*“A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa”*

Ao falecer, em 1986, Luiz Beltrão deixou um legado intelectual fértil, instigante e provocativo<sup>50</sup>. Vale a pena resgatar as palavras que escolheu para dialogar com os leitores da sua tese de doutorado, mesmo incompleta<sup>51</sup>:

---

<sup>48</sup> Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista), *Revista Brasileira de Comunicação*, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, 1987, p. 13-14

<sup>49</sup> BELTRÃO, Luiz - *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*, São Paulo, Cortez, 1980, p. 28

<sup>50</sup> Esse legado inclui também sua trilogia sobre Teoria da Comunicação. Vide: BELTRÃO, Luiz - *Sociedade Massa: Comunicação & Literatura*, Petrópolis, Vozes, 1972; *Fundamentos Científicos da Comunicação*, Brasília, Thesaurus, 1973; *Teoria Gera da Comunicação*, Brasília, Thesaurus, 1977, bem como o manual que escreveu em parceria com Newton de Oliveira QUIRINO - *Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa*, São Paulo, Summus, 1986.

<sup>51</sup> BELTRÃO, Luiz - *Comunicação e folclore*, São Paulo, Melhoramentos, 1971, contra-capá

*“Entregando ao leitor este estudo, o Autor reserva apenas, para si, a convicção de que tentou abrir uma picada para a estrada larga que outros mais autorizados e mais seguros irão percorrer no sentido de investigar os agentes e canais de folkcomunicação e, assim, penetrar no âmago das diretrizes reais que conduzem a ação política do homem brasileiro em sua complexa integridade”.*

Ao iniciar-se o novo milênio, verificamos que a Folkcomunicação concebida como disciplina científica por Luiz Beltrão deixou de ser uma mera “picada” para se converter na “estrada larga” por ele preconizara. Quem o atesta é o seu principal discípulo e sucessor, Roberto Benjamin, que inventariou recentemente os avanços dessas investigações em todo o território nacional.

*“A Folkcomunicação ensinada e pesquisada na Universidade brasileira tem dado como resultado a publicação de estudos resultantes de trabalhos de campo, de reflexões teóricas e das aplicações metodológicas próprias da pesquisa. Seus continuadores procuram expandir a conceituação e estabelecer a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, incluindo em seus estudos a mediação realizada pelas manifestações populares na recepção da comunicação de massa, a apropriação da tradição popular pelos mass media e a apropriação pela cultura popular de aspectos da cultura de massa.*

*“Assim, os estudos de Roberto Benjamin sobre maracatu, as teses de Joseph Luyten sobre literatura de cordel, a de Edval Marinho de Araújo sobre o folguedo cavalo-marinho, a de Rute Almeida sobre almanaques são exemplos de documentação e análise de canais populares e suas mensagens; ‘Folhetos Populares intermediários no processo de comunicação’, de Roberto Benjamin é o primeiro estudo monográfico sobre a mediação dos canais populares no processo da comunicação de massa; ‘A influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias na Paraíba’ é uma pesquisa de Luis Custódio sobre os efeitos da comunicação de massa sobre um canal popular; a dissertação de Osvaldo Meira Trigueiro, ‘A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba: um estudo sobre a audiência da televisão em determinados grupos sociais’ é um estudo sobre a audiência da televisão em grupos de cultura folk interligados a este mass medium; o estudo comparativo sobre a temática do Natal, promovido por José Marques de Melo, analisa o impacto da globalização e a permanência das tradições populares nas mensagens veiculadas pelos jornais brasileiros<sup>52</sup>.”*

*BENJAMIN reitera, finalmente, que “a divulgação da teoria foi prejudicada pela não-publicação da tese defendida na Universidade de Brasília”<sup>53</sup>.*

Essa deficiência deixa de existir, agora, com o lançamento do livro que contém a versão original daquele tese - *Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias*, publicada integralmente pela Editora da PUCRS

<sup>52</sup> BENJAMIN, Roberto - Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-Americana de Comunicação, *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, n. 2, São Bernardo do Campo, UMESP, 1998, p. 136

<sup>53</sup> BENJAMIN, Roberto - Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-Americana de Comunicação, *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, n. 2, São Bernardo do Campo, UMESP, 1998, p. 136 BENJAMIN, Roberto - Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-Americana de Comunicação, *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, n. 2, São Bernardo do Campo, UMESP, 1998, p. 134

(Porto Alegre, 2001), por iniciativa do Prof. Dr. Antonio Holfeldt<sup>54</sup>. Sua circulação em território nacional certamente vai aumentar o contingente dos pesquisadores dos fenômenos folkcomunicacionais. Vai fortalecer também a corrente dos jovens pesquisadores que acorrem, anualmente, às Conferências Brasileiras de Folkcomunicação<sup>55</sup>, promovidas pela Cátedra UNESCO/UMESP, bem como a eventos similares organizados por sociedades científicas como a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação<sup>56</sup>, a LUSOCOM - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, FELAFACS - Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social, ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, etc.<sup>57</sup>

As novas correntes de estudiosos da folkcomunicação percorrem fluxo inverso àquele originalmente concebido por Luiz Beltrão<sup>58</sup>. O fundador da disciplina privilegiou os autênticos processos folkcomunicacionais, bem como a folkmídia enquanto recodificadora das mensagens previamente veiculadas pelos *mass media*. Seus jovens discípulos procuram desvendar de que maneira a Folkcomunicação atua como retroalimentadora das indústrias culturais. Seja pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embasando campanhas publicitárias e de RP ou invadindo os espaços de entretenimento<sup>59</sup>.

Trata-se de um conjunto de tendências que estão bem delineadas no último livro de Roberto Benjamin<sup>60</sup> ou na edição monográfica da revista *Comunicação & Sociedade*, n. 34<sup>61</sup>.

---

<sup>54</sup> A EDIPUCRS está sediada na Av. Ipiranga, 6681 - prédio 33, Porto Alegre, cep: 90619-900, RS. Caixa Postal: 1429. Telefax: (051) 339-1511 r: 3323. Endereço eletrônico: edipucrs@music.pucrs.br

<sup>55</sup> Foram realizadas 3 FOLKCOM no apagar das luzes do século XX: 1998 (UMESP, São Bernardo do Campo, São Paulo); 1999 (FUNREI, São João del Rei, Minas Gerais), 2000 (UFPB, João Pessoa, Paraíba).

O primeiro encontro do novo milênio está agendado para o campus da UFMS, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em junho de 2001. O evento pretende fazer um inventário nacional das festas populares. Vide: MARQUES DE MELO, José - As festas populares como processos comunicacionais, Neon - Arte, Cultura e Entretenimento, Ano 2, n. 22, Salvador, outubro de 2000, p. 34-39

<sup>56</sup> Essa entidade acaba de criar um Núcleo de Pesquisas exclusivamente dedicado aos fenômenos folkcomunicacionais, cuja instalação foi confiada ao Prof. Dr. Sebastião Breguez (Centro Universitário do Sul de Minas), responsável pela organização do I Seminário de Folkcomunicação (Belo Horizonte, abril de 2001)

<sup>57</sup> Essas associações internacionais criam Grupos de Estudos de Folkcomunicação, que se reúnem periodicamente, durante seus congressos bienais ou trienais, para discutir os resultados das mais recentes pesquisas feitas em diferentes países.

<sup>58</sup> Para melhor compreender as idéias seminais do mestre olindense, vale a pena consultar a antologia: MARQUES DE MELO, José, org. - Mídia e Folclore - o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão, Maringá, Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO/UMESP, 2001.

<sup>59</sup> MARQUES DE MELO, José - Folkcomunicação entre mídia e cultura popular, Imprensa, n. 151, São Paulo, agosto/ 2000, p. 76-77

<sup>60</sup> BENJAMIN, Roberto - Folkcomunicação no contexto de massa, João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2000

Essas publicações refletem claramente a revigoração acadêmica da Folkcomunicação, bem como o seu destaque como campo de estudos que ultrapassa as fronteiras do Brasil para alcançar todos os Países Lusófonos e a América Latina.

---

<sup>61</sup> Esse volume contém um dossiê sobre Folkcomunicação, coordenado por Waldemar Kunsch (São Bernardo do Campo, UMESP, dezembro/ 2000).